

Mansur Guérios, Rosário Farani — *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. São Paulo, Edit. Ave Maria, 1973 (2.^a edição revista e ampliada), 234 p.

O Prof. Mansur Guérios, titular da Língua Portuguesa do Inst. de Letras da Univ. Fed. do Paraná, fez sair no ano passado a 2.^a edição do seu precioso *Dicionário Etimológico de Nomes e Sobrenomes*. Não é uma “história de palavras” mas há palavras com sua história. Suas pretensões são modestas, embora o trabalho seja sério e resulte de meticulosa preparação, como se pode ver do elenco de obras consultadas (p. 225-230): cerca de 150 títulos, em português, espanhol, francês, italiano, inglês, alemão e latim. Essa é a parte da “seriedade”. Apesar disso, no prefácio da 1.^a edição (p. 9 desta 2.^a ed.), no primeiro parágrafo, o Autor chama o seu dicionário de *dicionáriozinho*. Essa é a parte da “modéstia”

A disposição da matéria em duas colunas, a economia de espaço entre as linhas, se tornaram as páginas um pouco sombrias, não prejudicaram muito a leitura. A concisão e precisão da linguagem também ajudou no rendimento, de modo que será calcular por baixo se o fizermos numa média de 30 verbetes por página, o que daria mais de 5000 verbetes nas 180 páginas de texto (p. 45-223). Cumpre ainda notar que variantes que não implicam deslocção do termo da sua coluna não determinam a inclusão de verbetes novos.

O processo expositivo é coerente e homogêneo, o que ressalta o senso de medida e equilíbrio em quem trabalhou cerradamente e compulsando conscientemente uma ampla bibliografia. O fato de algum prenome ou sobrenome — como *América, Antônio, Paulo, Albuquerque, Bittencourt, Boaventura, Brasil, Farias, Figueiredo, Peçanha, Penteado, Pimentel* etc. — mais sobrenome que prenome, ter tido maior desenvolvimento é compreensível e não quebra a homogeneidade.

Outra qualidade a ressaltar é o ter Mansur Guérios assumido o risco de sistematizar a ortografia. Antropônimo é nesse ponto um “vespeiro”. Muitas *Rutes* e *Elizabetes* não dispensam seu *-th*, os *Setes*, com maior razão afetiva, reclamam o *-th*, alegando que não são números, embora os *Primos, Tércios, Sextos* e outros não reclamem quanto aos seus. Há *Isaacs* — como eu mesmo — que não apreciam muito ver seu nome terminado em *-que*, como se fosse enclítica latina. Eu tenho-me estribado em *Bilac*: “Do quem escreveu *Bilaque* tem o direito de escrever *Isaque*,” costume dizer. Mansur Guérios é diplomático: deixa à escolha: *Isaac* ou *Isaque*. Mas, a propósito, fui ver *Bilac* e descobri pelo menos essa omissão no dicionário, a qual não será certamente por antiparnasianismo: nem *Bilac* nem *Bilaque*!

Uma ou outra incoerência ortográfica se encontra e se perdoa, mas talvez não seja antipático ressaltar: p. ex. *Vandique*, forma única, contra *Werneck(e)*, *Elizabete* e *Rute*, contra *Set*, este com um estranho *-t* pronunciado. *Wolfgang(o)* com esse *-o*, meio a medo, é mesmo horrível. *Wolfgango* pressupõe prévia latinização do prenome; para a forma atual, a normalização reclamaria *Wolfgangue*, ou antes, *Volfgangue*. Se *Abdala* vem com *-l-*, por que *Sadaila* com *-ll-?! E* por que *Sallum* com *-ll-?* Se se usa *K* e *W* em posição inicial e medial, e *y* na terminação em *-ey* ou em posição final, por que não pode haver antropônimos iniciados por *Y* como *Yone*, *Yvone*.! São problemas que levanto, reconhecendo embora que em grafia de antropônimos é difícil a coerência. Mas de ser difícil não se conclui que será inútil buscá-la.

Uma vez que grafia de antropônimo é mesmo um “vespeiro” em que é arriscado bulir, parece-me que a boa tática seria adaptar coerentemente, sem exceção, todos os nomes ao sistema ortográfico vigente, pondo-se logo a seguir, como alternativa permitida, as grafias com *-c-* fechando sílaba interior, como em *Octacílio*, o *y* que não dispense um *Werney*, o *-th* de um *Seth* ou de uma *Judith* e, até, o *-c* de um *Isaac*. Está claro que a primeira alternativa de *Bilac* seria também *Bilaque*. Assim, não viriam as reações conotativas dos portadores dos prenomes contra a orientação rigorosamente denotativa do Autor, ou, se viessem, seriam descabidas. Reação contra a coerência, e coerência liberal, só por intransigência! Essa coerência — liberal ele já é — é o que eu tomaria a liberdade de sugerir ao Prof. Mansur Guérios para a 3.^a edição de sua obra, no caso da ortografia.

Outro aspecto que poderia ser considerado com vista à 3.^a ou a outras edições, que o livro merece, é que se ressalte a hesitação no gênero de certos prenomes terminados em *-i* (ou *-y*), *-ir*, *-il* ou de outras terminações. Não há muito, um colega me submeteu uma longa lista de nomes completos, extraídos de documentos — “*nem sequer () um único de fantasia*” — em que nem sempre se podia imaginar com presteza que tipo de roupa vestia o “portador”. Parece que a discussão do gênero, no caso, não seria um assunto ocioso ou supérfluo.

O prefácio da 1.^a edição ressalta, e não sem razão, o caráter pioneiro do trabalho em português. Um dos seus parágrafos finais dá como marco inicial da sua elaboração o ano de 1937; a data do prefácio é de 1947, e a “orelha” da capa final dá 1949 como ano em que a 1.^a edição veio à luz. O de Antenor Nascentes, *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, tomo II (Nomes Próprios), é de 1952 e é mais geral. O pioneiro em onomatologia portuguesa foi J. Leite de Vasconcelos. Sua *Antroponímia Portuguesa* é de 1928; o Vol. III dos seus *Opúsculos (Onomatologia)* é de 1931, mas aí se trata de artigos anteriores reunidos. O levantamento de prenomes feito por J. J. Nunes nos vols. 31 a 35 da *Revista Lusitana* (de 1933 a 1937) está em ordem alfabética, mas não é dicionário. Aliás, a lista de J. J. Nunes levanta apenas ocorrências medievais. A importação e fabricação moderna de prenomes, incluídos os ridículos e de mau gosto, lhe é totalmente estranha. Entretanto,

nenhuma dessas obras anteriores é ignorada por Mansur Guérios, sem que seu dicionário perca por isso o direito de pioneiro. Seria, talvez, conveniente lembrar que o *Vocabulário Ortográfico da Língua Portuguesa*, de F. Rebelo Gonçalves, Lisboa, Impr. Nacional, 1940, traz na sua Parte II, p. 717-810, um *Vocabulário Onomástico* (topônimos, gentílicos e antropônimos) É só vocabulário e não dicionário, e não só de antropônimos; e são três colunas por página, cada uma com uma média de 180 termos: são quase 18.000 termos. Pode ser modelo útil para adaptação de ortografia. E o curioso é que a meticolosa lista de obras consultadas das p. 225-230 o omite.

A suculenta *Introdução*, que em 25 secções devidamente tituladas, se estende suave, pitoresca, esclarecedora, por páginas (p. 15-43), é outro mérito desse “dicionáriozinho” muito bem feito e de leitura útil e amena. Tão bela quão simples, despretensiosa e elucidativa. Lê-se de uma sentada com prazer. Cabe notar que mesmo o texto do dicionário não cansa o leitor, que pode bem sentir que não está diante de trabalho feito “com tesoura e goma arábica” que são os “ingredientes” ou “instrumentos” mais empregados no fabrico de dicionários entre nós. Este é muito bonzinho e ocupa reduzido espaço na estante.

Isaac Nicolau Salum